

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Lux Prémio do Público 2025
10 de Março de 2025

DAHOMEY / 1924

um filme de Mati Diop

Realização e argumento: Mati Diop / Fotografia: Joséphine Drouin-Viallard /
Montagem: Gabriel Gonzalez / Música: Wally Badarou, Dean Blunt / Com: Lucrèce
Hougbelo, Parfait Vaiayinon, Didier Sedoha Nassangade, Makezy Orgel, estudantes da
Universidade de Abomey-Calavi.

Produção: Les Films du Bal, Fanta Sy, Arte France Cinéma (França, Senegal, Benim,
Singapura, 2024) / Produtores: Mati Diop, Eve Robin, Judith Lou Lévy / Cópia: em
DCP, cor, legendada em português / Duração: 68 minutos / Primeira apresentação
pública: 18 de Fevereiro de 2024, Festival de Cinema de Berlim / Estreia comercial em
Portugal: 28 de Novembro de 2024 / Primeira exibição na Cinemateca.

*“Ainda tenho o sabor do Oceano na boca. Estou dividido entre a angústia
de ninguém me reconhecer e de eu não reconhecer nada.”*

Dahomey aborda uma questão com grande actualidade e que tem estado na origem de um debate que se desenvolve a nível internacional sobre a devolução de obras de arte africana roubadas ou saqueadas aos seus países de origem. Questão polémica, pois uma parte significativa dos museus das grandes potências coloniais e das grandes universidades ocidentais assenta precisamente nestes tesouros, questão que se estende aos saques realizados em tantas guerras de cariz transnacional, de que as invasões francesas são um grande exemplo. O tema do filme é, neste caso, a restituição dos tesouros do antigo reino do Daomé (actual Benim) por parte de França, que foram saqueados durante as invasões francesas em 1852. Guardados nas reservas do Musée du Quai Branly, em Paris, durante muitos anos, tais obras revelam-se pioneiras no debate sobre a restituição da arte africana e dos bens culturais aos seus países de origem. Tal operação surge na sequência de um pedido feito pela República do Benim e de uma resposta positiva do Presidente Emmanuel Macron, que encomendou um relatório sobre a “restituição do património africano em África” a Felwine Sarr e a Bénédicte Savoy, dois autores que, nos últimos anos, têm trabalhado activamente sobre esta questão.

Vencedor do urso de Ouro no Festival de Berlim, cidade onde estas questões associadas ao pós-colonialismo têm estado na ordem do dia, não obstante os desenvolvimentos políticos recentes, que tendem a silenciá-las, **Dahomey** é a segunda longa-metragem da realizadora francesa de ascendência senegalesa, Mati Diop. Sobrinha do cineasta Djibril Diop Mambety, o seu primeiro filme, **Mille Soleils** (2013), partia precisamente do filme mais conhecido de Mambety, **Touki Bouki** (1973) para interrogar o destino das suas personagens que haviam emigrado para França, assumindo assim em pleno a herança familiar. Essa experiência estaria também na origem de uma posterior longa-metragem, **Atlantique** (2018), dedicada aos jovens migrantes africanos que morrem todos os dias no mar numa tentativa de chegar à Europa. Filme de fantasmas, que obteve o grande prémio no festival de Cannes em 2019 que, de modo indirecto, encontra eco em

Dahomey, também ele um filme de fantasmas, que neste caso fazem um percurso inverso, em direcção aos seus países de origem.

Mas **Dahomey** aborda ainda com o modo como a arte africana se relaciona com a sua cultura de origem, e como o seu valor de culto é colocado em suspenso quando é transportada para o Ocidente. No cinema, tal foi exemplarmente abordado em filmes tão diferentes como **Et les Chiens se Taisent** (1973), de Sarah Maldoror, rodado nas reservas do Musée de l'Homme consagradas à África Negra, filme que parte de uma peça de Aimé Césaire para abordar o grito de revolta de uma mãe contra a escravatura do seu povo; ou mais explicitamente em **Les Statues Meurent Aussi** (1953), assinado conjuntamente por Chris Marker e Alain Resnais, um belíssimo ensaio cinematográfico sobre a arte africana arrancada do seu contexto e entregue aos museus, que aborda exemplarmente as relações entre colonizados e colonizadores.

Assumindo a forma documental, mas transpondo de algum modo a fronteira entre o documentário e a ficção, **Dahomey** pode ser situado numa “categoria” de filmes que hoje tem tido grande implantação nos meios académicos, no trabalho de artistas plásticos ou em cineastas formados em escolas ou ateliers de cinema com uma certa vocação para as artes, como o Pavillon, do Palais de Tokyo, ou o Le Fresnoy, escolas frequentadas por Mati Diop. Conotado com o género do filme-ensaio, de que Chris Marker é hoje considerado como um dos precursores, tal género apresenta muitas declinações. **Dahomey** é na realidade mais um filme-tese, próximo de outros filmes que como o de Diop têm interrogado o passado colonial, como é o caso de várias obras de Filipa César. **Dahomey** investe sobretudo nos argumentos, e menos nas qualidades estritamente cinematográficas, acompanhando (demasiado longamente) a embalagem e o transporte das obras, e apresentando-nos as várias perspectivas em confronto, que em grande parte são esgrimidas num debate público entre jovens académicos do Benim.

Conta-se a história das peças, discute-se o papel do presidente beninense, Patrice Talon, no pedido de restituição feito em Julho de 2016 dos tesouros reais saqueados na capital do reino, revela-se como o governo francês acedeu apenas em restituir 26 obras de um total infinitamente maior, criando de raiz as condições para as acolher em 2021, e salienta-se ainda a festa com que foram recebidos tais tesouros, mesmo em pleno covid. Ficam ainda no ar várias questões: como a colonização pela língua francesa destruiu as línguas locais, a relação entre o património material e imaterial ou como a operação da restituição de uma ínfima parte dos tesouros terá tanta importância para o Benim como para a promoção de uma imagem de França.

Um dos aspectos mais curiosos de **Dahomey** é a adopção de um certo animismo presente na cultura africana. Aqui, são por vezes as esculturas que nos falam: “Partir, deixar os meus antepassados para trás, no inominável. Regressar? Que outro lugar me espera”. Objectos portadores de um pensamento mágico que contrasta com a apropriação que deles faz e cultura ocidental. Como se afirma no filme, “Os objectos regressam pouco a pouco, como as pessoas, devolvendo o poder a um povo que continua a lutar pela sua autodeterminação”.

Joana Ascensão